



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 16, número 2, jul-dez, 2023, pág. 59-83

**O método fenomenológico e o desenho a mão livre:** possível  
compreensão do mundo vivido adolescente

**The phenomenological method and freehand drawing:** possible  
understanding of the adolescent lived world

Janderson Costa Meira  
Carolina Brasil Luzzi  
Lais Mikaela da Silva Dantas  
Renata Mendonça de Faria e Cunha  
Ewerton Helder Bentes de Castro

### Resumo

Considerada uma fase em que inquietações e desconfortos existenciais estão presentes, a adolescência é plena em situações que provocam verdadeiro turbilhão emocional na vida dos jovens. O objetivo deste estudo é compreender a vivência de uma adolescente acompanhada no Plantão Psicológico em Escola da rede municipal de ensino em Manaus. O viés do estudo é qualitativo e no que tange ao método é o fenomenológico-psicológico em que adaptamos as falas trazidas e o relato dos desenhos. Utilizamos o desenho à mão livre sob o olhar fenomenológico. A participante é uma adolescente de 13 anos de idade, 6º ano do ensino fundamental, que realizou quatro aconselhamentos. A vivência trazida mostra o abuso sexual sofrido, a não credibilidade da mãe e a sensação de estar continuamente silenciada. Conclui-se que o uso deste tipo de instrumento, o desenho a mão livre e a história trazida com ele, permite reconhecer a dimensão da historicidade desse caminhar a partir do abuso sexual sofrido, contudo, mostra ainda que a escuta possibilitou que a mesma pudesse olhar a si mesma para além das facticidades.

**Palavra-chave:** Adolescência, plantão psicológico, método fenomenológico, desenho a mão livre, abuso sexual.

### Abstract

Considered a phase in which existential concerns and discomforts are present, adolescence is full of situations that cause a real emotional turmoil in the lives of young people. The objective of this study is to understand the experience of a teenager accompanied by the Psychological Duty at a School in the municipal education network in Manaus. The bias of the study is qualitative and with regard to the method, it is the phenomenological-psychological one in which we adapted the lines brought and the report of the



**Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

drawings. We used freehand drawing from a phenomenological point of view. The participant is a 13-year-old teenager, in the 6th grade of elementary school, who underwent four counseling sessions. The experience brought shows the sexual abuse suffered, the lack of credibility of the mother and the feeling of being continually silenced. It is concluded that the use of this type of instrument, the freehand drawing and the history brought with it, allows recognizing the dimension of the historicity of this journey from the sexual abuse suffered, however, it also shows that listening made it possible for it to be able to look at yourself beyond facticities.

**Keywords:** Adolescence, psychological duty, phenomenological method, freehand drawing, sexual abuse.

### **Résumé**

Considérée comme une phase où les soucis et les malaises existentiels sont présents, l'adolescence est pleine de situations qui provoquent un véritable bouleversement émotionnel dans la vie des jeunes. L'objectif de cette étude est de comprendre l'expérience d'un adolescent accompagné par le Devoir Psychologique dans une Ecole du réseau éducatif municipal de Manaus. Le parti pris de l'étude est qualitatif et en ce qui concerne la méthode, c'est celui phénoménologique-psychologique dans lequel nous avons adapté les lignes apportées et le rapport des dessins. Nous avons utilisé le dessin à main levée d'un point de vue phénoménologique. Le participant est un adolescent de 13 ans, en 6e année du primaire, qui a suivi quatre séances de counseling. L'expérience rapportée montre les abus sexuels subis, le manque de crédibilité de la mère et le sentiment d'être continuellement réduite au silence. Il est conclu que l'utilisation de ce type d'instrument, le dessin à main levée et l'histoire apportée avec lui, permet de reconnaître la dimension de l'historicité de ce voyage à partir de l'abus sexuel subi, cependant, il montre aussi que l'écoute l'a rendu possible pouvoir se regarder au-delà des facticités.

**Mots-clés** : Adolescence, devoir psychologique, méthode phénoménologique, dessin à main levée, abus sexuel.

### **Compreendendo o adolescer**

O adolescer que significa entrar na adolescência, crescer, se desenvolver, é uma fase de transição do sujeito, da infância à fase idade adulta. A adolescência se alonga aproximadamente de 12 a 19 anos de vida. A Organização Mundial da Saúde classifica o adolescente, como o ser humano que se encontra entre os dez a dezenove anos de idade, e o Estatuto da Criança e do Adolescentes (ECA), a adolescência coincide à



**Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

faixa etária de 12 a 18 anos. No Brasil, existem 69,8 milhões de crianças e adolescentes entre zero a 19 anos, o que corresponde a 33% da população brasileira. Proporcionalmente, a Região Norte é a que apresenta a maior concentração de crianças e adolescentes, superando 41% da população. Mas é na Região Sudeste onde se concentra a maior população nessa faixa etária: são mais de 89 milhões de crianças e adolescentes.

Nesse ciclo, os adolescentes vivenciam diferentes experiências, algumas vezes com riscos diante de vulnerabilidades notadas como violência doméstica, uso de álcool e outras drogas lícitas ou ilícitas, oferecido pelo mundo de prazeres momentâneos, deixando, com isso, a possibilidade de contaminação ou a propagação de infecções sexualmente transmissíveis ou até mesmo gravidez indesejada precoce. O corpo percebe e vivencia cada experiência e atribui significados que amparam sua formação como novo ser no mundo.

Corpo exterioriza o que sente, o que percebe, concordante com o deslocamento que realiza no mundo, visto que a percepção se faz por meio de um aspecto que transmite um sinal a partir do que acontece na prática da vivência e no sentido daí oriundo. Merleau-Ponty (2018) sustenta a compreensão de corpo como ponto de vista sobre o mundo, como um dos objetos desse mundo. Para o autor, o corpo é objeto, mas não pode ser objetificado, o que vai de encontro às visões mecanicistas muito presentes na época.

Segundo Merleau-Ponty, o corpo que vive e está no mundo, é o meu corpo, e, por isso, não pode ser reduzido a mero objeto. Pode-se afirmar que o corpo sabe, o corpo compreende e os sentidos existenciais se manifestam corporalmente (CASTRO, 2019). Não é um corpo “objeto” que movemos, mas um corpo fenomenal. No qual o corpo é colocado no seu lugar original, como fonte de origem do conhecimento.

Observamos que o Plantão Psicológico se constitui principalmente no movimento de encontro, onde o acolhimento, escuta e o cuidado se fazem



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

presentes. É importante considerar a experiência ontológica, com isso o núcleo da pessoa e da experiência elementar conforme nos revela Mahfoud (2018), não é como nos diz Castro (2021) quem sou, mas quem me tornei.

**Plantão psicológico: a experiência com o Outro**

O Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino surge como possibilidade de acolhimento, escuta e cuidado de adolescentes regularmente matriculados em escolas cujos gestores buscaram ajuda diante das demandas que estavam sendo trazidas nas instituições escolares e com as quais não estavam conseguindo lidar.

Até aquele momento, os alunos buscavam a escuta dos docentes das escolas que, diga-se de passagem, segundo as notas estatísticas a que se tinha acesso, são os profissionais que mais estão afastados por problemas relativos à saúde mental.

O objetivo do Plantão Psicológico não é que esse outro elimine a tensão com que vem vivenciando, não é que resolvamos algumas demandas, não é modificar algum modo de pensar do sujeito, mas, sobretudo, que ele possa estar mais centrado em sua própria pessoa. O contato consigo mesmo como experiência de si pode potencializar a escuta:

enquanto postura básica, é saber ouvir o outro, estar preparado e disponível para receber a vivência que estiver trazendo, tomando-a em sua complexidade original, em seus múltiplos horizontes, de maneira tal a facilitar que a pessoa examine com cuidado as diversas facetas de sua experiência (Mahfoud, 2004, p. 75).

O que nos faz recordar Clarice Lispector (1988), em sua obra "A Descoberta do Mundo" que vem dizer:

para se render e mergulhar no desconhecido, nos mostra como a postura dos plantonistas diante desse outro, no qual se “despir” de pré-julgamentos, preconceito, incrédulas ações. E isso faz com que esse encontro de possibilidades e aceitações seja verdadeiramente feito.



**Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

E quem vem até o plantão psicológico com um pedido de socorro, sem saber como lidar com suas angústias, vivendo nesse vazio existencial, possa ser acolhido, escutado e cuidado pelo plantonista-estagiário.

Podemos, neste instante, utilizar de metáfora: a vida é igual a uma viagem de avião, você sabe que a única forma de chegar a esse outro lugar tão distante, é entrando nele, mesmo sabendo que se acontecer algum acidente, não tem para onde ir. O encontro desse Outro que ocorre no Plantão Psicológico com o estagiário é o en-contro com esse sentimento de querer chegar em algum lugar sem saber o que pode acontecer.

E nesse en-contro a relação é biunívoca, é vivenciada à conta de díade, onde um não sobrepõe o outro. Há um diálogo pautado no acolhimento de uma história que é muito importante por ser a história do Outro, a escuta que se configura como a disponibilidade em acolher e cuidar para além de quaisquer constructos teóricos.

O que nos recorda Boff (1999) para quem o cuidado é mais que um ato, é uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com uma pessoa.

E quando me ocupo com esse Outro, direciono para ele meu olhar de generosidade, de compreensão. Nesse momento, o cuidado se faz presente para além do zelo e do desvelo. Conseguimos, na condição de plantonistas, compreender que esse Outro, apesar de lançado na im-possibilidade é possibilidade.

### **Método fenomenológico**

Elaborado pelo matemático alemão Edmund Husserl, foi uma tentativa de trazer à ciência o rigor filosófico. Para este autor, o campo científico houvera se distanciado de seu móvel principal, o ser humano. Portanto, tornava-se premente que a ação oriunda da ciência retornasse às coisas mesmas, ao ser humano.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

O foco desta perspectiva teórica é o mundo-vivido, ou seja, a experiência pela qual este outro está passando ou passou e com a qual não está sabendo lidar, transformando sua caminhada em algo onde a dor e o sofrimento são elementos constituintes.

Utilizaremos a partir deste momento, os corpus teóricos de dois seguidores de Husserl: Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty.

Em Martin Heidegger, filósofo alemão temos a busca da compreensão do Ser, sendo que o mesmo buscava o entendimento a partir da Ontologia que designou como nova a expensas do pensamento metafísico, muito presente no pensamento filosófico àquela época.

Inicialmente, o filósofo da Floresta Negra, compreende o ser humano como *Dasein* ou *Ser-Aí* ou *ser-no-mundo*. Para ele, o ser humano é lançado no mundo sem que tenha solicitado isso e, dessa forma, está sujeito a uma série de situações que em seu caráter de inesperado, nos retira do lugar seguro em que estamos e nos envolve de tal forma que muitas vezes, as consequências de tais situações remontam ao comprometimento de suas configurações relacionais (Heidegger, 2013).

Para o autor, outros elementos somam-se aos anteriormente descritos e, um deles, diz respeito a que ser-no-mundo é ser-de-cuidado (Heidegger, 2013), ou seja, estamos mergulhados em nossas caminhadas e precisamos voltar o olhar para mim mesmo e para o outro, não apenas no sentido do zelo e do desvelo, mas, no sentido de nos sabermos responsáveis por esse outro, amparando, cuidando para que seu desenvolvimento e crescimento pessoal possam continuamente realizar-se.

Outro constituinte que consideramos fundamental diz respeito às relações que, enquanto seres humanos, vivenciamos desde o momento do nascimento. Somos sempre com o outro, estamos sempre voltados a uma convivência com esse outro que caminha junto conosco cotidianamente. Essas relações são compreendidas por Heidegger como fundamento do



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

existir, tendo em vista que, nelas implementamos uma das características basilares da existência, a afetividade.

Somos seres de afetividade, o outro me afeta, eu afeto o outro. Assim, o mundo me afeta e eu a ele me refiro. Dessa forma, no meu transitar pelo mundo, o Outro assume uma importância acentuada no que tange ao meu desenvolvimento enquanto pessoa, enquanto alguém que, na relação, amplia o olhar sobre os mais variados aspectos do existir. E, tendo em vista que existir, significa abertura, é a partir do conviver com o Outro que minha abertura ao mundo, a mim e à vida se tornam mais amplas.

Para o filósofo, no ato de cuidar, expresso minha solicitude para com o Outro que, dependendo da minha postura, de minha atitude em relação a ele, pode ser caracterizada sob o viés da autenticidade, ou seja, um antepor-se ao outro, momento em que não realizo suas escolhas, não tomo suas decisões, pelo contrário, possibilitou que compreenda a dimensão de ser quem é, de ser quem se tornou, de perceber-se além da situação em si mesma.

A inautenticidade, por sua vez, é quando em nome do sentimento que nutro por alguém, praticamente imobilizado existencialmente esse Outro e realizo por ele suas escolhas e decisões. É o salto sobre o outro trazido por Heidegger (2013).

Podemos, neste momento, expor alguns constructos teóricos de Maurice Merleau-Ponty, filósofo francês que designou seu estudo para a percepção, amparado principalmente nas pinturas de Paul Cézanne a partir de onde constrói sua teoria.

Considerando este aspecto, Merleau-Ponty afirma que a percepção é que dá sentido ao vivido, é o que propicia ao meu olhar se voltar para determinada situação e caminhar em função do significado que atribui a ela. Somos seres de sentidos e significados.

Outro elemento trazido – e também considerado fundamental nesta teoria – é o corpo. Merleau-Ponty (2011) insere o corpo como aquele que



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

realmente atribui o sentido, o que sente, o que percebe, o que está imerso na relação com o Outro e, a partir desta convivência redimensiona o seu ser-no-mundo.

Contudo, esse filósofo compreende que, para além do corpo enquanto o elemento básico do pensamento mecanicista, é esse corpo que vivencia as situações e, ao ocorrer isso, estabelece-se o que denomina como corporeidade. E este movimento do corpo designa que estou em uma relação intercorpórea com os vários corpos com os quais convivo, com os quais estabeleço e configuro minhas relações e meus relacionamentos.

Para Merleau-Ponty (2011) o ser no mundo tem um aspecto que merece ser destacado, o escopo. A capacidade de cada um em atribuir novo significado ao que está sendo vivenciado. Compreendemos a importância deste constructo no sentido de que a esse Outro, conforme pressupõe o autor, é facultado, possibilitado uma nova imersão no vivido e, a partir daí, novo olhar sobre a situação é construído.

**Desenho a mão livre:** breve olhar a partir da fenomenologia!

O desenho tem sido um instrumento muito utilizado na relação terapêutica desde há algum tempo. Autores como Longo & Narita (2019) trabalham com a perspectiva histórico-cultural com o objetivo de compreensão dos desenhos enquanto linguagem onde são expressos sentidos socialmente motivados e como um sistema de sinais geradores do real.

O estudo de Oliveira & Grubits (2019) sob o viés da Gestalt-terapia compreende o desenho pode ser utilizado como técnica, experimento e instrumento para o estabelecimento de vínculo, fundamentado no método fenomenológico. O desenho é uma importante ferramenta terapêutica que ao ser utilizada dentro de um processo psicoterapêutico consistente, fundamentado no vínculo de confiança e pautado no arcabouço teórico da Gestalt-terapia, é capaz de contribuir para o processo de atualização e de crescimento do cliente.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Scaduto (2013) resgata dilemas importantes relativos à utilização dos desenhos para a avaliação infantil, atualizando tais dilemas a partir de pesquisas empíricas e revisões teóricas, visando demonstrar as possibilidades das produções gráficas infantis para a avaliação psicológica nessa população.

Aguiar (2004) apresenta proposta de leitura do desenho infantil sem os apriorismos teóricos dogmáticos, mostra a compreensão fenomenológica que prima pelo que se mostra. Estabelece uma relação crítica de liberdade, em que a criança autora dos desenhos é sempre chamada ao posto de mais legítima intérprete de sua criação.

E será na perspectiva trazida por Eloísa Aguiar que pautamos a compreensão dos desenhos criados pela adolescente que se constitui este relato de experiência aliado à perspectiva teórica de Heidegger (2013) e Merleau-Ponty (2018).

### **Método**

O estudo foi realizado o viés qualitativo de pesquisa que, segundo Minayo (2104), Pereira & Castro (2019) busca compreender o vivido, ou seja, da experiência pela qual esse Outro está passando e, partindo de seu discurso, busca-se identificar sentidos e significados da vivência.

Para apresentar o que foi vivenciado no Plantão psicológico, optamos pelo estudo de caso, considerado estratégia de pesquisa cujo objetivo é analisar um fenômeno atual em seu contexto real, suas variáveis intervenientes. Caracteriza-se por ser um estudo intensivo e sistemático sobre o indivíduo, uma adolescente que nos procurou para aconselhamento psicológico e, uma das formas de expressar sobre seus sentimentos foi elaborando desenhos, sendo que trouxe até nós desenhos anteriores.

Trata-se de uma escuta emergencial com uma adolescente de 13 anos do 6º ano B do Ensino Fundamental, feita no turno vespertino que durou em cerca de 60 minutos no Plantão psicológico em uma escola do sistema público estadual de ensino em Manaus. Além de suas falas,



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

traremos os desenhos criados por ela e, no momento da apresentação de cada um deles, expressava o sentimento presente e, a partir daí, foram sendo realizados questionamentos para aprofundar no que era trazido e reconhecesse as dimensões da vivência. Compreendemos como pressupõe Aguiar, o criador do desenho é o legítimo intérprete do desenho.

Foram trazidas algumas falas para colaborar na compreensão, pelo leitor, das várias dimensões do existir presentes na atividade desenvolvida. No que tange à análise dessas falas, trouxemos o aparato teórico construído por Maurice Merleau-Ponty em sua obra basilar Fenomenologia da Percepção (2011) para compreendermos a dimensão da vivência, o mundo-vivido adolescente.

### **Resultados e Discussão**

Iniciaremos com algumas falas trazidas pela adolescente no momento em que realizou as quatro (4) sessões de aconselhamento. A adolescente buscou pelo aconselhamento psicológico na escola de modo voluntário. Cada encontro teve uma média de 2 horas, onde inicialmente elabora-se o preenchimento do formulário específico com seus dados sociodemográficos. Em seguida, o plantonista se coloca em disponibilidade para o exercício do tríduo configuracional do plantão: acolhimento, escuta e cuidado.

#### **1ª sessão**

Luzz chega ao local do plantão e pergunta se poderia ser atendida. A resposta afirmativa permite que ela se direcione ao plantonista, momento em que é realizado o preenchimento do formulário de dados sociodemográficos.

Ela chegou bem quieta e falando baixo, muito tímida também, mas logo falou que demorava pra se soltar. O plantonista perguntou o que a trouxe até nós e ela, com calma, começou o relato. Iniciou dizendo que estava pensando muito no passado. Nesse momento, a voz embarga, quase chora, mas controlou a emoção e disse “estou nervosa”.

**O plantonista questionou-a sobre o conteúdo desses pensamentos.** Responde: Fui abusada pelo meu padrasto quando eu



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

tinha 8 anos [...] começou com ele pedindo para que eu o tocasse e durante um ano foram toques e comportamentos estranhos. Ainda com meus 8 anos, quando estava dormindo, senti uma mão durante a noite e gritei, mas não tinha ninguém em casa. **Plantonista: com quem você mora?** Minha mãe continua morando com ele e ele continua negando tudo o que aconteceu (Lizz, aconselhamento realizado em setembro, 2022)

Questionada sobre o que aconteceu após essa experiência, a adolescente responde:

Fui morar com meu pai, a minha madrasta e minhas 4 irmãs de consideração. Sou eu a única filha do meu pai. Me dou bem com minha madrasta e com suas filhas, mas não me sinto suficiente para meu pai. Sinto que não sou uma boa filha pra ele. **Plantonista: como assim?** Ele me cobra muito nas tarefas domésticas. Mas mesmo assim temos uma boa relação, mas não consigo me abrir com ele e não sei o que ele pensa sobre o que aconteceu (Luzz, aconselhamento realizado em setembro, 2022)

O plantonista perguntou sobre o quanto pensava nessa situação vivida com o padrasto. Ela prontamente responde:

Na semana passada estava pensando bastante, mas ultimamente tenho pensado em outras coisas e, se fosse classificar em uma escala, daria nota 5. **Plantonista: o que leva a esses pensamentos?** do nada vem. O plantonista, percebendo a dimensão do sofrimento emocional ali presente, resolve perguntar sobre outro tema. **Plantonista: Quais suas séries favoritas?** Umbrella Academy e meu personagem favorito é “o cinco” que é quieto e normal, me identifico com ele por isso.

**Plantonista: Além disso, ele parece ser bem inteligente, arrogante com os irmãos, às vezes, sarcástico e pragmático.**

Sim, por isso que eu gosto dele, ele é o melhor de todos os irmãos [...]

Questionada sobre relações sociais e afetivas:



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

**Na escola:** Prefiro ficar sozinha, desenhar sozinha, mas muitas vezes eu me sinto frustrada com os desenhos, não gosto da forma que estavam ficando. Acho que estou só vivendo e não sinto falta de um vínculo afetivo e familiar.

Ao ser perguntada se poderia trazer seus desenhos na próxima vez, respondeu afirmativamente e sorriu.

Castro (2023), Meira & Castro (2023), Paes & Castro (2023), Silva, Silva, Meira & Castro (2023) reportam em seus estudos a importância desse acolhimento. Não apenas no sentido de um sorriso entreaberto, mas possibilitar ao plantonista estar continente, em abertura para com esse Outro que procura o Plantão Psicológico nas escolas.

A adolescente sentiu-se em segurança para falar sobre uma situação muito comum nos dias atuais, a violência sexual doméstica, caracterizada pela violação do corpo desse adolescente por parte de figura significativa muito próxima, neste caso, especificamente pelo padrasto. Esta escuta por parte do plantonista vem ao encontro do que Heidegger (2012) em sua Ontologia Hermenêutica da Facticidade ressalta como abertura de um *Dasein* (ser-aí) para com outro *Dasein* (ser-aí), onde o plantonista busca compreender a dimensão da situação ou facticidade pela qual a adolescente houvera vivenciado.

No momento de maior expressão de dor e sofrimento existenciais, em que se percebe a adolescente muito contrita, pesarosa mesmo, é facultado ao plantonista trazer outros elementos, tendo em vista que não é salutar, no dizer de Castro (2023) que essa imersão existencial adentre por maior sofrimento e pesar. Em artigos publicados recentemente, Macedo & Castro (2023) ao reportarem sobre cutting praticado por um adolescente, assim como o estudo de Benício, Gomes & Castro (2023) no caso de um aluno com diagnóstico de TDAH e inserido no TEA grau 1, a mudança de foco propiciou o Outro sentir-se acolhido e escutado.



**Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Esse movimento provoca outra perspectiva: estou sendo cuidado, não estão avançando para mais além, não estão viabilizando unicamente a curiosidade, mas efetiva-se o que é denominado solicitude que segundo Castro (2023) não é uma mera preocupação ou interesse pelo outro, mas implica uma compreensão profunda da relação entre o ser humano e o mundo. Ela envolve uma compreensão de que o ser humano não é uma entidade isolada e autônoma, mas está sempre em relação com os outros e com o mundo. Assim, a solicitude é uma atitude que se baseia na compreensão da interdependência e da coexistência entre os seres humanos e com o mundo. Entre plantonista e adolescente. Daí, o sorriso ao final da primeira sessão.

## **2ª sessão**

Conforme havia sido combinado, Luzz trouxe seus desenhos, dois deles especificamente. O primeiro, ela nos fala que foi criado em função de como se sentia, no que tange ao aspecto geral de se reconhecer a si-mesma. Interessante é a adolescente nominar alguns dos desenhos em língua inglesa

Percebe-se que, em primeiro plano o olho que chora e abaixo dele o número 188. Conforme foi observado na sua história, a primeira ação de abuso sexual foi aos 8 anos e ocorre duas vezes (1.8.8). O desenho expressa a dor e o sofrimento oriundos do abuso sexual sofrido.

“Quando machucam a gente, machuca o coração e isso me torna muito insegura” (**insecurity**). O segundo desenho dimensiona o quanto foi magoada e o que isso resultou, a contínua sensação de insegurança que conforme havia dito no primeiro encontro, é uma característica sua.

Dois dos desenhos (**boredom - tédio**) a adolescente nos trouxe uma das dimensões de seu existir, o tédio. Como nos diz Heidegger (2013) o tédio é um dos elementos que caracterizam o *Dasein*, como se fora co-



**Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

pertencimento, algo inerente ao humano enquanto alguém a quem, muitas vezes, o olhar sobre si mesmo se toma em opacidade, em não-movimento.

O desenho em que se apresenta com a boca cerrada e as lágrimas escorrem pelo rosto significa, para ela, o quanto ela teve de calar acerca do que havia ocorrido e, principalmente, o quanto essa ação do outro (o padrasto), a não confiança da mãe, resultaram em uma adolescente que não consegue se ver no espelho, a sensação de menos valia se torna presente de tal forma que a baixa autoestima é vivenciada sob uma grandiosa dimensão (**self steam**) e sempre caminhar em silêncio, no silêncio (**silence**).

Ao recordar-se de si mesma, olhar para si mesma, remete-a ao momento de seu aniversário que apresenta como uma menina com os cabelos sobre os olhos, não quer ver ninguém, porque é feliz sozinha (**happy alone**).

Ser-no-mundo é ser afetividade. E esta, se manifesta em nossas relações seja sob um viés positivo, seja sob um viés negativo. O Outro imprime em mim uma dinamização de sentimentos que, a cada momento vivido, meu direcionamento a mim mesmo pode ser sob a tutela do afeto alheio ou direcionar o olhar sobre mim mesmo. Conforme é observado no desenho, a solidão é algo que está presente na vida da adolescente, a caracteriza. Entretanto, Heidegger (2013) ressalta que a solidão é um ser-com-deficiente, ou seja, mesmo diante da minha tentativa de isolar-me, me isolo do Outro. Assim, mesmo nesses momentos, o Outro continua presentificado.

O olhar que o outro lança sobre mim, pode muitas vezes me tolher, me lançar no ensimesmamento, me impedir de ser quem sou. “Sinto-me insegura, as pessoas magoam”. E magoam pelo julgamento impregnado muitas vezes de juízos de valor exacerbados e sem quaisquer consistências. O que é demonstrado no desenho julgamento (**judgement**). Ser-com-o-outro é correlacionar-se (Heidegger, 2013), entretanto, nem todas as vezes esta



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

relação é experienciada sob um aspecto que faculta crescimento. Momentos existem em que se dá o contrário, como no desenho de Luzz.

Algo chama a atenção. Luzz aprendeu a experienciar a solidão como felicidade. É, a nosso ver, momento que ela tem para realmente estar com ela própria, para além de quaisquer facticidades que está experienciando. Toma para si mesma o próprio olhar, apropria-se de si mesma, reconhece-se pertencendo a si mesma, o que Castro (2022) compreende como o olhar para si mesmo sob o viés da autenticidade.

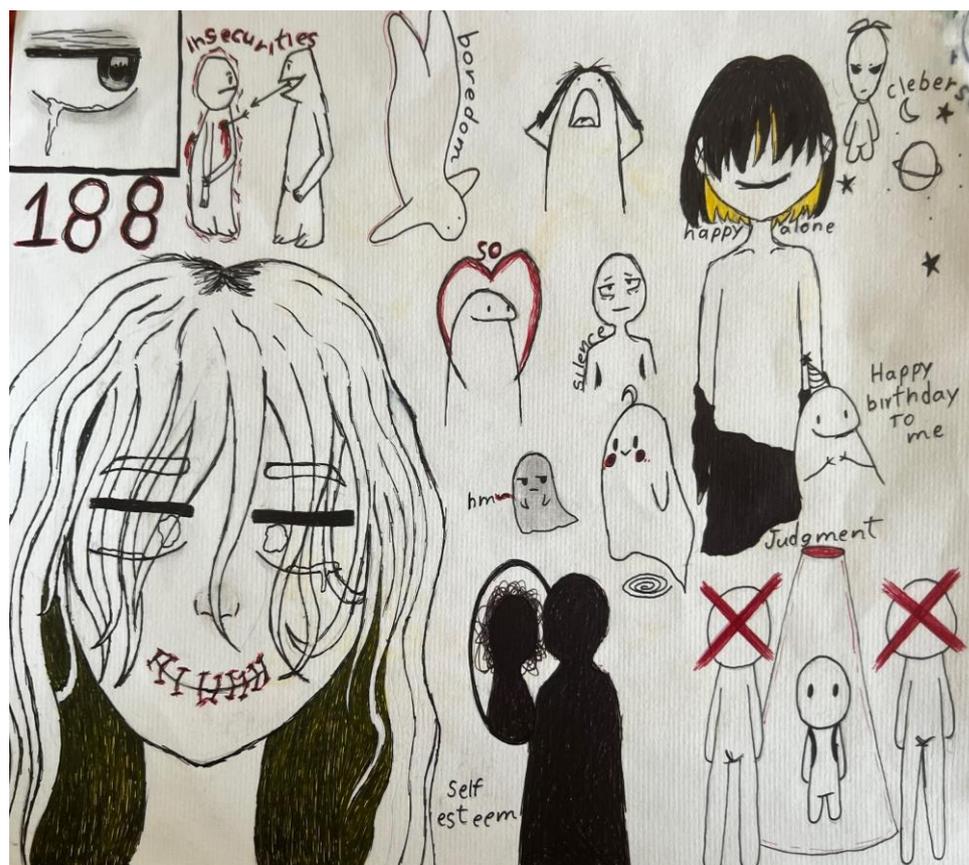
O estudo de Meira & Castro (2023) sobre a corporeidade silenciada em uma adolescente que sofreu abuso sexual também traz essa perspectiva na fala da aluna, o quanto a sensação de solidão não é de todo má e ela conseguia perceber-se a si mesma e nas possibilidades que poderiam surgir em sua vida. Nesse momento, recorremos a Merleau-Ponty (2011) quando propõe uma reflexão sobre a relação entre o corpo e o mundo, e argumenta que a percepção é uma forma de conhecimento que não é apenas visual, mas envolve todo o corpo. Ele também propõe a ideia de que o mundo é um tecido inseparável de coisas e significados, e que nossa compreensão do mundo é sempre influenciada pela linguagem e pela cultura.

Mena, Silva & Castro (2023), revelam em seu estudo sobre a pluridimensionalidade adolescente no Plantão Psicológico que vários alunos que procuraram pela atividade traziam a violação existencial sofrida pelo ataque do outro sobre seu corpo através do assédio e abuso sexual; Alencar, Meira & Castro (2023) o silenciamento avassalador em virtude a agressões de natureza variada, o que culminou, na vida dessas pessoas nesse autoisolamento e, nesse ínterim, sentirem-se seguras, felizes.

São diversos os parâmetros existenciais trazidos nos desenhos. E percebemos que criar é uma forma de catarse que Luzz encontrou para, inclusive, refletir sobre o existir, onde mostra a pluridimensionalidade de seu caminhar cotidiano e os vários elementos aí presentes. Ela se possibilita

reconhecer-se a si mesma. E isso se torna uma acalanto para sua alma e, apesar de todo o arcabouço de sofrimento, é o que a torna um ser-possível.

### Quadro 1



Nessa mesma sessão, entretanto, ela traz que “estou me sentindo feliz, por causa do meu pai, tomei café da manhã e almocei com ele”. O **quadro 2** expressa esse momento, pois segundo ela, apesar do que tem vivido é preciso seguir adiante, as cores que envolvem a menina vendada são cores vivazes, fortes e mostram o quanto podemos ir além das dificuldades.

Outro aspecto chama a atenção, os cogumelos em que um protege o Outro, um proporciona alento para o que está abaixo, e nisso podemos



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

remeter o quanto se sentiu feliz com a ação do pai que até aquele momento achava distante. São vários os olhares que lançamos sobre a vida, tristes, alegres, entediados, contudo, fazem parte dela, são ela mesma.

E finalmente a vida e suas voltas e contornos. Podem ser pequenos movimentos ou grandes movimentos, mas é a vida que assim se configura. Heidegger (2013) nos chama a atenção de que *ser-no-mundo* não é estar tenuamente ligado a esse mundo, pelo contrário, somos chamados a experienciar a vida com toda a magnitude de movimento que aí se sucedem, as facticidades que vem ao nosso encontro. Entretanto, somos cor, movimento, possibilidade, devir.

Observar o grafismo e a cromia deste desenho, nos remete a considerar o que Castro (2023) compreende como caos. Caos é movimento, caos é possibilidade. E isso é perceptível no primeiro plano do desenho em que uma esfera maior protege a menor, onde as cores não eliminam uma à outra, complementam-se. Compreendemos a dimensão de importância da presença desse pai junto a ela, caminhando junto, tornando-se companheiro. O cogumelo representa muito bem essa vivência. Vemos um sol a espalzar seus raios que é, ao mesmo tempo, acariciado por mãos que não se afastam, pelo contrário, aproximam-se como a proferirem: sei do teu calor, sei do teu amor, tua presença me é muito importante. Percepção, a premissa da vivência.

Merleau-Ponty (2011) revela através de um de seus constructos teóricos, a percepção, um olhar sobremaneira revolucionário para a época. Para esse autor, a percepção é uma atividade fundamental do ser humano e é através dela que temos acesso ao mundo. Segundo ele, não existe uma separação entre o sujeito e o objeto, ou seja, não é possível perceber o mundo de forma objetiva e separada de nossa experiência pessoal.

Assim, a percepção não é apenas um processo cognitivo, mas também um processo corporal e afetivo, uma vez que o corpo está sempre presente em nossa experiência perceptiva. Para Merleau-Ponty (2011), o

corpo não é um objeto que temos, mas sim aquilo que somos, e é através dele que estamos em relação com o mundo. E os desenhos trazem a dimensão corporal do vivido por Luzz, tendo em vista a profusão cores que os olhos – de todos os modos representados – aludem. É com meu corpo que mergulho no que vivencio e o desenho na base inferior do quadro 2, mostra isso de modo explícito.

Entretanto, podemos pensar com Alencar, Meira & Castro (2023) que é no vivenciar que minha imersão em ser quem me tornei se faz presente, a percepção de mim mesmo é como um todo e não apenas elementos soltos e dissociados do existir humano, da abertura (as cores) a que me permito. Esse sou eu-mesmo sendo!

### Quadro 2





Na quarta sessão, a adolescente Luzz traz um desenho onde resume todos os outros: minha vida baseada em meus desenhos (**my live based on my drawings – Quadro 3**). Expõe a si mesma e as várias percepções do entorno que estão presentes: insegurança, o olhar do outro, julgamentos, etc.

Castro (2020, 2021, 2023) revela que na perspectiva dos três olhares na clínica de inspiração fenomenológica, um dos fatores mais preponderantes no que tange à relação ali estabelecida com esse Outro é o que diz respeito a **imersão existencial**, quando acompanhamos e literalmente mergulhamos na história que nos é trazida. Com Luzz, neste instante, foi o que ocorreu. Ela se trouxe a partir do desenho, onde lança um olhar sobre si mesma em que a menos valia é gritante e a expressão é de dor e sofrimento.

Concomitantemente a esse olhar sobre si, percebe-se ainda que, é a partir do olhar do outro que todo esse olhar sobre si mesma é distorcido, uma vez que, está no desenho o **enclausuramento existencial** (Castro, 2022), a im-possibilidade de ser ela própria, pois o olhar que lança sobre o olhar do outro é de que este está na condição de um severo juiz e que a ela, infelizmente, não existem possibilidades de um caminhar seguro. Torna-se, desse modo, enclausurada no que a credita que o outro lança ou pensa sobre ela, não se sente pertencendo a seu próprio existir. A inautenticidade heideggeriana é a premissa desse existir.

Em conformidade com o pensamento de Castro (2023), para o filósofo da Floresta Negra, a inautenticidade é uma consequência da cultura moderna e da forma como os seres humanos se relacionam com o mundo. Ele argumenta que a cultura moderna é dominada pelo pensamento técnico e pela preocupação com a eficiência e produtividade, o que leva a uma perda de sentido e propósito na existência. Nesse contexto, muitos indivíduos



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

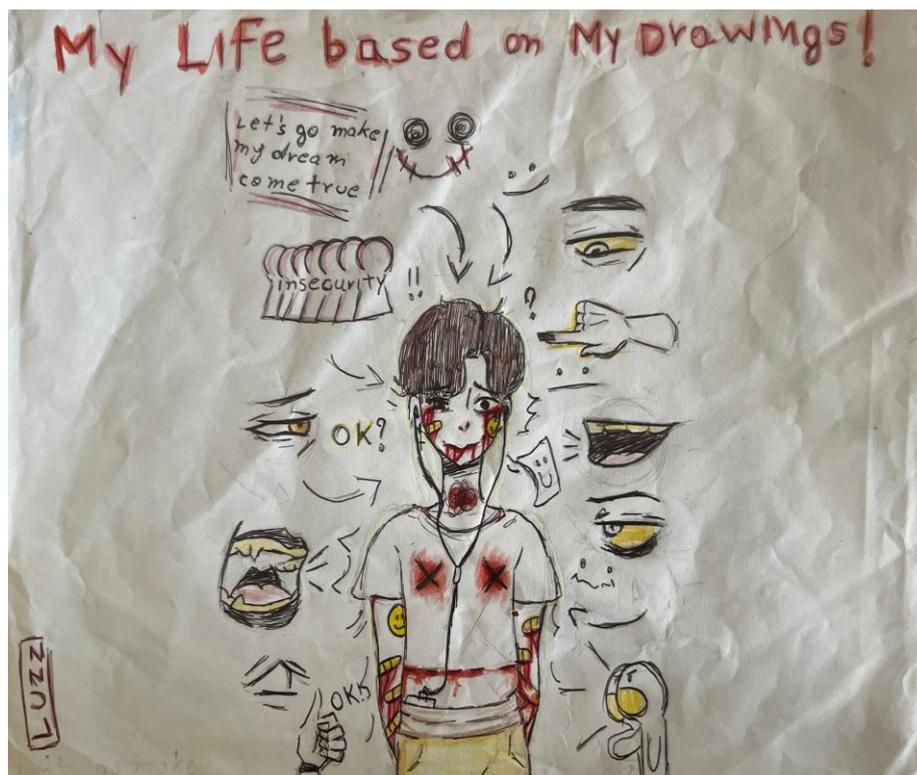
buscam se conformar com os padrões e valores da sociedade, em vez de buscar uma compreensão autêntica de si mesmos e do mundo.

A superação da inautenticidade, para Heidegger (2013), envolve uma busca pela autenticidade e uma reconexão com nossa essência mais profunda e com o mundo. Isso requer uma compreensão clara de nossa finitude e da necessidade de assumir nossa responsabilidade em relação ao mundo e aos outros.

A superação da inautenticidade requer uma atitude de abertura e questionamento em relação às situações e padrões que nos cercam. Isso envolve uma disposição para viver de forma autêntica e livre, sem se preocupar excessivamente com as opiniões e expectativas dos outros, e uma busca constante pela compreensão mais profunda de nossa essência e do mundo. E os desenhos mostram, claramente, que a partir da implementação da criatividade, ao retratar-se, se torna essa busca por perceber-se autêntica, constituindo-se enquanto ser-no-mundo.

Outro estudo nos leva a compreender o vivido por Luzz, o de Silva & Castro (2023) que nos trazem a insatisfação com a identidade de gênero e, com isso, passa a agir de modo extemporâneo para corresponder ao que o outro quer de mim, ou assim acredito. Contudo, o aprofundar da vivência possibilitou, a partir de discussão acerca de animes, que o olhar se voltasse para ela mesma, em ser quem ela houvera se tornado e esse movimento causou compreender-se enquanto um ser-de-possibilidades.

### Quadro 3



### Considerações Finais

Desenvolver atividades com adolescentes requer, de cada um de nós, um olhar para além do que está posto. Precisamos redimensionar nosso “modo de ver e de ser” no que tange à adolescência. Com Luzz foi aprendido.

Inicialmente ensimesmada, quase sem conseguir expressar o que estava pensando e vivenciando, foi a partir de sua criatividade, seus desenhos autorais, sendo ela mesma e se reconhecendo em sua historicidade, pois cada sequência trazia, aliás, gritava os sentidos da experiência de ser Luzz.

Olhar sob o viés da Fenomenologia nos permitiu a imersão existencial com Luzz e, acima de tudo, a compreendermos a dimensão de cada situação



**Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

que foi por ela vivenciada. Conforme foi trazendo seus desenhos e explicitando-os, seu olhar sempre ia mais além do próprio desenho, além de si mesma, além da experiência. Isso nos facultou discutir com ela cada segmento e, a partir daí, recompor com ela sua história de vida e suas perspectivas.

O Plantão psicológico nos possibilitou crescimento sobre a relação com esse Outro e o quanto devemos nos colocar na condição de aprendizes do fazer psicológico e do nosso próprio olhar sobre nós, sobre o outro, sobre o mundo e a vida.

### **Referências**

- Aguiar, Eloísa (2004) *Desenho livre infantil: leituras fenomenológicas*. Editora e-papers.
- Alencar, Emanuel Herbert Elias; Meira, Janderson Costa & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023). **O resgate da existencialidade adolescente: o Plantão Psicológico e suas possibilidades**. *AMAZônica – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 136-157.
- Benício, Branca Cecília, Gomes, Kétora Pereira Gonçalves & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023). O espelho, a família, o voo de Pégasus: a existencialidade adolescente no Plantão Psicológico. *AMAZônica – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 261-282.
- Boff, L. (1999). *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Castro, Ewerton Helder Bentes de. (2021) Violência sexual contra a mulher: diálogo fenomenológico *Quaderns de Psicologia*, v. 23, n 1, e 1633, <https://doi.org/10.665/rev/qpsicologia.1633>
- Castro, Ewerton Helder Bentes de (2017) A filosofia de Martin Heidegger. In: Castro, Ewerton Helder Bentes de (org.). (2017) *Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa*. Appris
- Castro, Ewerton Helder Bentes de (2019) *Práticas de Pesquisa em Psicologia Fenomenológica* - Appris.



**Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Castro, Ewerton Helder Bentes de (2020) A clínica psicológica e a pesquisa em seus encontros, des-encontros e re-encontros: des-velando olhares In: Castro, Ewerton Helder Bentes de (Org.) (2020) *Pluridimensionalidade em psicologia fenomenológica: o contexto amazônico em pesquisa e clínica.* – Editora Appris, p. 157-176.

Castro, Ewerton Helder Bentes de. (2021) Suicídio, autolesão, relações, fatores contemporâneos: a vivência do desamparo sob o viés da Fenomenologia e a clínica dos três olhares In: Castro, Ewerton Helder Bentes de (2021) *Perspectivas em Psicologia Fenomenológico-Existencial: fazeres, saberes e possibilidades* – Editora Dialética, p. 309-330

Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023). Plantão psicológico em escolas da rede pública de ensino em Manaus: possibilidades e perspectivas. *AMAZônica* – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 9-32.

Lispector, C. (1988). *A descoberta do mundo*. Rocco.

Longo, Cristiano da Silveira; Narita, Stella (2019). Psicologia do desenho infantil: uma proposta na psicologia histórico-cultural. *Psicologia.pt*. p. 1-11.

Macedo, Elcilene Lima de & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023) Adolescência e prática do cutting: relato no Plantão Psicológico. *AMAZônica* – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação Vol. 16, número 1, jan-jun, pág. 177-197

Mahfoud, Miguel (2018). Subjetividade como acontecimento, centro pessoal e plantão psicológico: horizontes reabertos in: Giovanetti, José Paulo (Org.). *fenomenologia e psicologia clínica* - Editora Artesã, p. 53-71

Mena, Vanessa Benites; Silva, San Zureik Calacina da & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023). Plantão psicológico em instituição escolar de Manaus, a pluridimensionalidade adolescente: relato de experiência *AMAZônica* – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 112-137.

Merleau- Ponty, Maurice (2018). *Fenomenologia da percepção*. 5. ed. Martins Fontes.

Morato, Henriete Togneti Penha (1987). Serviço de Aconselhamento Psicológico do IPUSP: aprendizagem significativa em ação. In:



**Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Rosenberg, Rachel Lea (Org.). Aconselhamento psicológico centrado na pessoa. EPU, p. 75-83.

Oliveira, Evelyn Denise Felix de & Grubits, Sonia. (2019). O Desenho na Gestalt-Terapia: A Versatilidade dos Traços em Interface com a Prática Clínica. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 19(spe), 1036-1050.

Scaduto, Alessandro Antonio (2013). O desenho infantil: forma de expressão cognitiva, criativa e emocional. *Psico-USF* 18 (1), Abr <https://doi.org/10.1590/S1413-82712013000100018>

Silva, Atália Maria Schaecken; Silva, Caio Rafael Costa da; Meira, Janderson Costa & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023) Plantão psicológico e sua pluridimensionalidade: uma imersão na existencialidade adolescente através da escuta. *AMAZônica – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 71-90.

Silva, San Zureik Calacina da & Castro, Ewerton Heder Bentes de (2023). Corpo que é meu, mas não sou eu: o não-reconhecimento do ser-si-mesmo *AMAZônica – Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol 16, número 1, jan/jun, p. 33-49.

**Recebido em: 10.05.2023**  
**01.07.2023**

**Aceito em: 14.05.2023** **Publicado em:**

**Autores**

**Janderson Costa Meira**

Gestor de Recursos Humanos pela UNIP – Manaus. Graduando em Psicologia pela Escola Superior Batista do Amazonas - ESBAM. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Diretor acadêmico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM). E-mail: [jandersonmeiraa@gmail.com](mailto:jandersonmeiraa@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9145-6465>

**Carolina Brasil Luzzi**

Graduanda em Psicologia na Faculdade Santa Teresa. Membro da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE). Membro do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em Escolas da rede pública de ensino em Manaus. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial da Universidade Federal do Amazonas (FAPSI-UFAM). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9552-0786>



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

**Lais Mikaela da Silva Dantas**

Graduanda em Psicologia na Faculdade Santa Teresa. Membro da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE). Membro do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em Escolas da rede pública de ensino em Manaus. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial da Universidade Federal do Amazonas (FAPSI-UFAM). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1087-3345>

**Renata Mendonça de Faria e Cunha**

Graduanda em Psicologia na Faculdade Santa Teresa. Membro da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE). Membro do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em Escolas da rede pública de ensino em Manaus. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial da Universidade Federal do Amazonas (FAPSI-UFAM).

**Ewerton Helder Bentes de Castro**

Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (FAPSI/PPGPSI/UFAM). Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Coordenador do Projeto de Extensão Plantão psicológico em escolas do sistema de ensino público em Manaus (FAPSI/UFAM). Coordenador científico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM) E-mail: [ewertonhelder@gmail.com](mailto:ewertonhelder@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>